

ACERTO DE CONTAS

Ao se despedir do comando da escola de que foi o mentor – e com a certeza da missão cumprida – o diretor da Direito GV fala de sua trajetória de professor e advogado e dos pequenos prazeres da vida

Por Carlos Costa
Fotos Gustavo Scatena

Sua folha corrida é extensa. Inclui a formação em Direito, na USP e em Harvard, na área tributária. Em ambas as instituições fez mestrado, na primeira defendeu o doutorado e na segunda concluiu o pós-doutorado. Atuou por mais de três décadas como um professor inovador na EAESP, a Escola de Administração de Empresas de São Paulo, da FGV. Num período de três anos presidiu a CVM-Comissão de Valores Mobiliários e comandou um projeto federal de Reforma Fiscal. Criou um escritório de advocacia que virou grife – e da qual hoje possui apenas uma cota, por causa do nome. Árbitro do Centro Brasileiro de Mediação e Arbitragem, participa da Câmara de Arbitragem do Mercado, associada à Academia Brasileira de Direito Tributário. Nesta conversa com *Getulio*, Ary Oswaldo Mattos Filho faz uma prestação de contas, fala do sucesso da inovadora Escola de Direito de São Paulo, da Fundação Getulio Vargas e abre um pouco seus gostos de verdadeiro homem cultivado. A seguir, uma síntese da conversa:

O senhor iniciou o projeto da Escola de Direito de São Paulo, da FGV, e agora chega o momento da mudança. Há um critério para a escolha do novo diretor?

Ary Oswaldo Mattos Filho Existe. Neste processo temos alguma dificuldade, pois é a primeira vez que acontece nesse formato. Tradicionalmente no

meio universitário e nas universidades estatais, o reitor é eleito pela congregação, que forma uma lista tríplice, e entre eles Poder Público faz a nomeação. No sistema privado é o dono quem faz a escolha. Nas instituições confessionais a escolha copia o sistema público. Em nosso caso, é um processo diferente porque é aberto para pessoas de dentro e de fora da instituição que queiram participar do processo.

Algo complicado, pois esse não é um curso convencional.

Ary Oswaldo Este é um segundo ponto. A escola nasceu dentro de um processo de mudança radical na maneira de ensinar o Direito. Todos aqueles de fora que eventualmente venham a se candidatar, passaram pelo sistema tradicional do ensino do Direito e se têm uma carreira acadêmica ela foi exercida nesse sistema. Aqui não temos congregação e departamentos, os professores não têm cátedra nem são titulares de cadeira, fazendo uma rotação por segmentos do conhecimento jurídico. Essa é uma experiência nova e não é um processo comum, talvez nem exista no Brasil.

Quais são os requisitos para os candidatos?

Ary Oswaldo Eles têm de apresentar um *paper*, um trabalho de análise crítica da escola, dizendo o que permaneceria, o que mudaria e o porquê. Para isso colocamos grande quantidade de

dados à disposição dos candidatos. Os que forem para a segunda fase, além de receber esse material encontrarão a escola à disposição para virem conversar com alunos, professores, funcionários, de sorte que possam ter conhecimento suficiente para a análise crítica e propositiva daquilo que eventualmente o vencedor desenvolverá.

Após dez anos frente à Direito GV, como avalia os resultados desse esforço?

Ary Oswaldo Para essa avaliação me baseio nos resultados ou nas conclusões que chegam do próprio mercado, que se utiliza da mão de obra ou dos produtos acadêmicos produzidos aqui. A notícia que tenho daqueles que empregam, quer como estagiários, a partir do 4º ano, quer dos formandos que ficaram nos empregos e foram contratados, quer das universidades e faculdades de Direito no exterior em que os alunos fizeram um semestre de estudos. A avaliação é muito positiva pela repercussão que essa troca tem trazido: é grande o número de escolas de direito no exterior querendo criar convênios conosco para receber nossos alunos e para enviar os alunos seus. Se aferirmos numericamente o volume de publicações de nossos professores, ele é indubitavelmente o mais alto entre as faculdades de direito do Brasil. Basta analisar o *GVlaw*, por exemplo, que nasceu com dois cursos e 100 alunos e hoje conta mais de 2.000 alunos. O *GVlaw* é um sucesso



de mercado, temos demandas tanto do setor privado como do setor público para montar cursos. O mestrado *stricto sensu*, que é um campo restrito, destinado àqueles que querem ser professores de Direito, vai bem. Acho que a missão está cumprida porque, a partir de certo número de anos, a capacidade de inovação começa a diminuir e se essa escola nasceu e teve o sucesso que dizem que tem, foi devido à inovação acertada. E minha sacola de inovações está acabando [risos].

O senhor estaria se tornando um gato gordo?

Ary Oswaldo Não, e não quero me tornar gato gordo [risos]. Esta é uma escola jovem, se olharmos a idade média de nossos professores, que são extremamente motivados e envolvidos. Também estou com saudade da vida acadêmica. Não significa dar aulas, mas ler, estudar, escrever, escutar, pensar. Há dez anos que parei com tudo isso.

A Direito GV ainda é deficitária, entra na conta de investimento da FGV, na missão de trabalhar para o desenvolvimento?

Ary Oswaldo Existem duas modalidades distintas de cursos. Existem os cursos profissionalizante, como o GV*Law*, que dão lucro. A graduação é um pouco deficitária. A Fundação tem aportado recursos do fundo de bolsas, que são empréstimos que o aluno toma e depois de formado começa a pagar, sem juros, apenas com correção monetária. Se 100% dos alunos quisessem dispor de bolsa repagável, poderiam obter. Além disso, existe a Bolsa Mario Henrique Simonsen e mais cinco bolsas da Fundação Carlos Chagas. São bolsas direcionadas a atender determinado tipo de conhecimento jurídico.

O senhor cursou Direito por tradição de família?

Ary Oswaldo O meu pai é advogado. Até a metade do 1º ano do antigo Científico minha ideia era prestar vestibular para o ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica). Estava meio em dúvida e um tio me levou para fazer um teste vocacional, que a PUC começava a realizar. Fui cobaia da doutora Aniela Ginsberg, uma psicóloga notável. Durante uma semana ia toda tarde para a

A missão está cumprida. E se essa escola teve o sucesso que dizem que tem, foi devido à inovação acertada. E minha sacola de inovações começa a esgotar o estoque [risos]

PUC fazer o tal teste vocacional. Depois de uma semana ela me disse que poderia fazer História, Ciências Sociais ou Direito, ou seja, eu poderia fazer qualquer outra coisa [risos].

Se tivesse feito Ciências Sociais teria chegado a presidente da República?

Ary Oswaldo [risos] Quem sabe? Já estava no 2º Científico, passei para o Clássico e comecei a estudar coisas de que não tinha a menor ideia: Latim, História Geral, História do Brasil, Português, Inglês. Na época trabalhava na Secretaria da Justiça e tive aulas de latim, português e frequentei o Cursinho do Professor Castelões, preparatório para o vestibular da Faculdade de Direito, na Rua São Bento. Naquele tempo os exames para a faculdade eram escrito e oral. Dei sorte e passei, cheguei até a pensar em prestar vestibular para Ciências Sociais, mas desisti. Quando terminava o curso na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, ganhei uma bolsa de estudo para Harvard. Havia um professor, o Mauro Brandão Lopes, de Direito Comercial (matéria de que gosto particularmente até hoje), que soube da bolsa, me recomendou e disse que, quando voltasse, iria dar aulas na faculdade. Na época recebi dois convites. E ele me disse: “Nada disso. Vou te apresentar à Escola de Administração de Empresas da FGV, que é muito mais o seu jeito”. Ele me levou para uma visita e fui apresentado ao chefe do departamento de ciências sociais, que era o professor An-

tonio Ignácio Angarita da Silva [risos]. Conversamos e ele, com aquele jeito despachado de ser, disse: “Na volta de Harvard você vem e a gente conversa”.

E como foi o período em Harvard?

Ary Oswaldo Tive o primeiro grande choque cultural, pois era o único aluno na classe de terno e gravata. As aulas começavam em setembro, ainda estava quente, havia alunos de bermuda, camiseta, sandália e eu de terno e gravata [risos]. Outra coisa era o fato de que, sem nenhum professor estimular, os alunos discutiam questões, armavam seminários. O que era grande diferença com o que acontecia aqui.

Em Harvard fez alguma pesquisa específica?

Ary Oswaldo Fiz uma especialização e no mestrado trabalhei com o tema dos incentivos fiscais brasileiros na área do Nordeste.

Na faculdade houve outro professor que tenha marcado?

Ary Oswaldo Além do Brandão, teve o Sylvio Marcondes. Antes de ir para os Estados Unidos, assim que terminei a graduação, comecei o mestrado em Direito Comercial, orientado pelo Oscar Barreto Filho. Na metade do segundo ano, fui para os EUA, onde fiz especialização e um mestrado. Era o tempo do Governo Costa e Silva e o ministro Muniz Aragão estava preocupado com o que se chamava de “a evasão de cérebros”. Um dia recebo no meu dormitório em Harvard um envelope grande, com as insígnias da República, em dourado. Abri. Era uma carta convite, lacrada com uma fita verde e amarela, dizendo que o Governo brasileiro tinha uma vaga para eu ser professor na Universidade Federal do Ceará. Isso foi em janeiro, um frio do capeta, neve até a orelha [risos]. Fiquei imaginando aquele sol, aquele mar e tive uma vontade enorme em aceitar a proposta.

Mas o senhor resistiu...

Ary Oswaldo Sim, bravamente! [risos]. Terminado esse período, voltei e fui novamente conversar com o Angarita. A EAESP estava abrindo curso, me inscrevi e ao mesmo tempo a USP revalidava meus créditos do

mestrado nos EUA. Terminei o mestrado aqui e iniciei o doutoramento na própria faculdade. A tese foi sobre tributação de bens de capital.

E aí entrou para a EAESP?

Ary Oswaldo Comecei lecionando na área tributária. O Angarita me colocou numa mesa velha, perto da janela, e eu passava o dia inteiro estudando. Vim com o costume de ficar lendo e escrevendo durante horas. Comecei a lecionar e fui tomando gosto pela coisa. Uma vez por semana era o advogado da FEI (Faculdade de Engenharia Industrial), em São Bernardo, o que me ajudava a complementar orçamento. Anos depois, a FGV entrou em grave crise financeira, o diretor da EAESP na época era o Gustavo Sá e Silva, que também veio depois aqui para a nossa escola. Foi um período em que faltou dinheiro, alguns professores começaram a fazer coisas fora.

Foi quando o senhor abriu o Escritório Mattos Filho?

Ary Oswaldo Abri o escritório antes, mas não ia muito, mas foi mais ou menos em 1971 que o escritório começou a pegar. Advogava e me divertia muito dando aulas.

O senhor voltou a Harvard?

Ary Oswaldo Voltei em 1982 para fazer um curso intensivo de pós-graduação de verão sobre Direito de Valores Imobiliários. O professor que dava as aulas era o Louis Loss, um dos pais intelectuais da moderna legislação dos direitos mobiliários. Ele me convidou e voltei 1984 como professor visitante por um semestre. Dei “ciao” ao escritório, fechei a mala fui embora em junho e voltei em dezembro [na realidade, esse foi o pós-doutorado do professor].

Quais eram os diferenciais do professor Ary Oswaldo?

Ary Oswaldo Sempre dei aula de Direito Tributário, fui o primeiro concursado na EAESP, em 1969. Em minha disciplina, introduzi muitas discussões, estudo de casos, de jurisprudência. Isso foi uma inovação, pois os professores de Direito da EAESP eram mais velhos e davam aulas pela metodologia expositiva tradicional. Além

Reprovei uns alunos e a notícia se espalhou. Então todos passaram a estudar. Sempre que encontro o José Victor Oliva, ele me apresenta como o professor que o reprovou [risos]

dos estudos de caso, propus cursos conjuntos com o Departamento de Finanças, de Finança Internacional, Tributação Internacional, mesclando o Direito Societário com Tributário, e isso foi uma espécie de revolução. Naquele tempo essa matéria era dada no último ano e por tradição não se reprovava, pois o aluno já estava com um pé no mercado. Entrei e acabei com isso. Foi um momento complicado [risos].

Andou reprovando alguns?

Ary Oswaldo Reprovei e, no ano seguinte, a notícia espalhou e então todo mundo começou a estudar. Fazia muitas coisas nesse período: era juiz do Tribunal de Impostos e Taxas, escrevia, dava entrevistas, preparava palestras, entre outras coisas.

Era um gato bem magro?

Ary Oswaldo Magérrimo [risos].

Nestor Perini, presidente da Lupatec, contou que o senhor deu uma nota baixa porque a letra dele era muito feia.

Ary Oswaldo [risos] Não, além da letra o conhecimento deveria ser feio. Existem vários alunos que encontro até hoje. Sempre que cruzo com o José Victor Oliva, ele me apresenta como o professor que o reprovou [risos].

Então o senhor abriu o escritório que se tornou uma grife?

Ary Oswaldo Houve muitos anos de

trabalho em cima disso, não foi assim tão fácil. Foram muitos anos indo a coquetéis, realizando palestras, escrevendo para os jornais, fazendo visitas para potencializar o cliente, indo aos EUA visitar escritórios americanos.

Como foi a aproximação com a esfera governamental?

Ary Oswaldo O primeiro convite que recebi foi do Dílson Funaro, pois o professor Angarita tinha sido convidado por ele para ser o secretário da Receita Federal, não aceitou e me indicou. Houve uma reunião e o Dílson fez uma sondagem e me entregou um livro sobre a estrutura da Receita Federal. Ele ia para uma reunião do FMI em Washington e na volta teríamos outra reunião. Em casa abri o livro, comecei a olhar e vi o tamanho da encrenca. Achei melhor não aceitar. Tempos depois a Bolsa de Valores me indicou para o Funaro para eu ir para a CVM. “Já o convidei para uma coisa maior e ele não aceitou.” Após a eleição de Fernando Collor, a Bolsa, a Febraban, federação dos bancos, enfim o mercado me indicou para a presidência da CVM. Na época escrevia uma coluna de meia página para a revista *Senhor*, do Mino Carta, em que disseminava preceito morais e éticos para Deus e todo mundo [risos]. Fui falar com o Angarita. “Estou feliz aqui em São Paulo, me divirto dando aulas, ganhando dinheiro, fazendo jantares, tomando uísque, acho que não vou.” “Você fica criticando todo mundo na revista e agora está na hora de colocar em prática.” O Angarita me enquadrado [risos] e aí fui. Fiquei dois anos na CVM, primeiro ano foi no Rio de Janeiro e aí o Collor a transferiu para Brasília. Quando a Zélia saiu, veio o ministro Márcilio Marques Moreira e o mercado preparou um abaixo-assinado pedindo que a diretoria da CVM permanecesse. Depois de dois anos disse para o Márcilio que queria voltar para São Paulo. Foi quando ele me convidou para coordenar o Projeto de Reforma Fiscal do Governo Federal. Isso me interessou.

Por ser uma área em que exerceria mais o que o Angarita cobrara?

Ary Oswaldo Exatamente.

O Angarita é um alter ego forte?

Ary Oswaldo Ele é a chibata da minha consciência [risos]. Fiquei mais um ano e aí aconteceu o *impeachment* do Collor. Eu e o economista Sérgio Werlang, também da FGV, pedimos uma reunião com o presidente Itamar Franco e mais o grupo do “pão de queijo” para expor o Projeto da Reforma Fiscal. Foi uma reunião lamentável, pois naquele momento se havia coisa que não penetrava nem levemente e nem tangenciava o universo do Itamar era a reforma fiscal [risos]. Na saída disse ao Sérgio: “Entramos na festa errada”. Ficamos mais uns dias, terminamos o trabalho e entregamos para o ministro da Fazenda e viemos embora. Com isso fiquei três anos fora da EAESP, dois anos e pouco de CVM e um ano de reforma fiscal. Voltei com uma ciclagem completamente diferente, mais agitado.

O senhor ganhou uma visão diferente do país?

Ary Oswaldo Na comissão de Reforma Fiscal visitei todos os Estados, conversei com todos os governadores, prefeitos de capital, presidentes de Assembleias Legislativas, as bancadas da Câmara e do Senado para expor o projeto da reforma. Efetivamente se passa a ter uma ideia do quanto é heterogêneo o país, pois aquilo que eu tinha vivido, que era São Paulo e Rio de Janeiro, representava apenas um pedaço. Foi uma experiência rica em conhecimento a respeito do país. No tempo da CVM não era assim, rodava São Paulo, Rio de Janeiro, Nova York, Londres, ou seja, o circuito Elizabeth Arden [risos]. No projeto da reforma tive que rodar muito e foi aí que conheci o que é briga, a estrutura de poder e como este país se mexe.

Ficou algum documento desse trabalho?

Ary Oswaldo Quando terminamos entreguei quatro jogos de xerox dos trabalhos ao ministro da Fazenda e sumiram [risos]. A sorte é que tinha trazido uma cópia, conversei com a BM&F-Bovespa e Febraban, levantei dinheiro e publiquei uma quantidade grande, são dois volumes, e enviei a todos os deputados, senadores, governadores, bibliotecas de faculdades de Economia, Administração e Direito.

Uma semente plantada.

O que aconteceu depois?

Ary Oswaldo Voltei a dar aulas e a advogar. O Mario Covas foi eleito governador e o Angarita foi ser o secretário de Governo. Nessa altura, o Governo Federal me contratou para ajudar no processo de privatização do Banespa, então eu ia muito ao Palácio. Embora o Covas não falasse sobre isso, ele era absolutamente contra a privatização do Banespa. Fernando Henrique, Pérsio Arida e também o Yoshiaki Nakano, na época secretário da Fazenda, eram a favor, então era uma coisa complicada. Num determinado dia, o governador recebeu um convite da FGV para comparecer à assembleia geral anual. Antes havia surgido uma briga e todos começamos a comprar ações

O primeiro convite que recebi foi do Dílson Funaro, pois o professor Angarita tinha sido convidado por ele para ser o secretário da Receita Federal, não aceitou e me indicou

com direito de voto para influenciar na assembleia. Até que o Dr. Simões Lopes percebeu o movimento e aumentou dramaticamente o valor da aquisição [risos].

Mas o senhor já havia comprado?

Ary Oswaldo Sim, já tinha cotas. Aí o Angarita me liga: “Você vai votar na assembleia da fundação?” Não, respondi. Ele continuou: “O Estado de São Paulo tem um voto e o governador pergunta se você iria como representante”. Fui, pois teria três votos na mão. Quem presidia a assembleia era o Carlos Ivan Simonsen Leal, que ainda não era o presidente, na época era ainda o Mello Flores, que já estava doente. Na saída da assembleia, o Carlos me chamou para conversar. Fui para a sala dele, uma sala

de professor, tinha um quadro cheio de equações e de contas, uma mesa com uma bagunça total.

Ele não passou pela psicóloga da PUC?

Ary Oswaldo Não! [risos] Ele queria saber o que eu estava fazendo, falamos um pouco e ele disse: “Não gostaria de criar uma escola de Direito?” Sim! Lembrei daquela experiência antiga do CEPED, onde dera tudo errado, imediatamente pensei na possibilidade de retomar aquela proposta. [Nota da redação: entre 1967 e 1972, o curso de Advogados de Empresas, do CEPED, Centro de Estudos e Pesquisas no Ensino do Direito, com consultoria do Dr. David Trubeck e professores como Alfredo Lamy Filho, Carlos Augusto Silveira Lobo, Gabriel Lacerda, Caio Tácito, Amílcar Falcão, Arnold Wald e Mario Henrique Simonsen, formou mais de 200 advogados, constituindo-se num marco fundamental da modernização do ensino do Direito no Brasil.]

Uma proposta tentadora para quem gosta de desafios.

Ary Oswaldo Comecei a trabalhar com a ideia, nesse meio tempo o Mario Covas faleceu. O Angarita queria sair do governo e eu o convidei para vir trabalhar comigo, junto com o Leandro Silveira Pereira, que já trabalhava comigo.

Aliás, Leandro havia sido demitido do Escritório Mattos Filho, não?

Ary Oswaldo Sim, e comecei imediatamente a fazer pesquisa comigo [risos]. Convidei o Angarita, que aceitou, pois procurava uma razão para não ser deslegante com o Alckmin. O espaço físico na EAESP era difícil e, depois de muita briga, o Mazzuca, que era o diretor, arrumou uma salinha: tinha uma mesa redonda onde eu ficava, uma mesa um pouco maior onde ficava o Leandro e em outra mesa ficava o Angarita com a Ligia Paula Pires Pinto. Ficávamos os quatro naquela sala, bolando o que iríamos fazer com o novo brinquedo que tínhamos ganhado [risos]. Para financiar esse novo brinquedo surgiu a ideia de criar os cursos de educação continuada. O Leandro, com os cursos do GVlaw, saiu à procura do financiamento do brinquedo [risos].

O senhor é apaixonado por vinhos?

Ary Oswaldo Quando morava em Brasília todo mundo bebia uísque, pou-

cos tomavam vinho, até porque não havia importação. Fiquei espantado porque nos restaurantes, na hora do almoço, as pessoas se sentavam, colocavam o balde de gelo, a garrafa de uísque ou vodca, água, e era a bebida do almoço. Eu não conseguia, pois é mortal. À noite era a mesma coisa. Após sair da CVM, fomos para o restaurante Fiorella, trabalhando, discutindo e bebendo. Passei assim aqueles dois anos. Voltando a São Paulo, quando encontrava os amigos, que também bebiam uísque, notei que a gente começa a conversar e beber, mas eles paravam e eu continuava. Isso não está certo [risos]. Só faz sentindo em Brasília, em que o clima é muito seco e não se sente. Conversando com meu médico, ele perguntou se eu não gostava de vinho. Como sou curioso e papiromaniaco, fui à Livraria Cultura e comprei uns livrinhos. Passei a ler e a comprar uma garrafa, provar, conversar com os conhecedores. Vi que era muito melhor que uísque. Pouco depois, conversando com um cardiologista, o Roberto Kalil, ele me recomendou tomar apenas os tintos. Oba, pensei, posso beber com prescrição médica. “Com moderação. No máximo uma taça”, disse ele. Ainda bem que ele não falou qual era o tamanho da taça [risos]. O vinho tem uma vantagem, para quem tem curiosidade intelectual e papilar, que é uma “história do sem fim”.

Ao contrário do uísque, não?

Ary Oswaldo É padrão, é chato, tanto que ele não envelhece. O vinho varia conforme a região, conforme o ano, diferentes microclimas. Portugal, Espanha e Itália começaram a melhor os vinhos, têm coisas geniais.

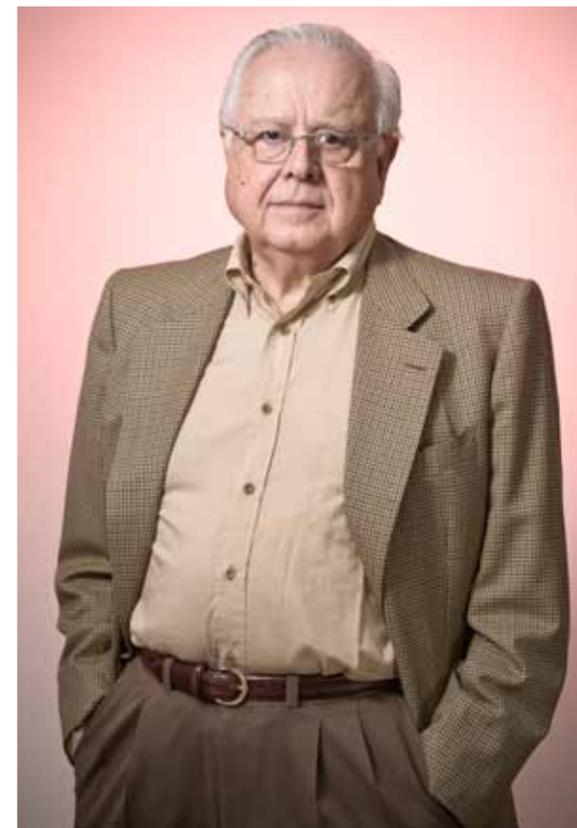
E qual seu segredo?

Ary Oswaldo Tenho uma tática: compro normalmente naquelas vendas *en primeur*, que é a venda no ano seguinte da colheita, ou até no próprio ano da colheita. Guardo por treze ou quatorze anos, aí fica palatável para

o bolso beber bons vinhos franceses. Quando acho que vai acabar o dinheiro eu fico deprimido, vou à Casa Santa Luzia e comparo os preços dos vinhos com os que tenho na adega e saio de lá satisfeito [risos]. Agora, para o dia a dia, os vinhos do Dão são maravilhosos. Há questão de quatro meses passei uma semana em Florença e na região do Vêneto, onde existem coisas maravilhosas.

Os vinhos da Casa Antinori, com o famoso Tignanello, são da região de Florença.

Ary Oswaldo Há uns três anos a



região teve um problema, pois ficou famosa por causa do Biondi Santi, e outros produtores começaram a fazer a *assemblage* [mistura de diferentes tipos de vinhos], sem contar isso para quem estava comprando.

Quais seus châteaux preferidos?

Ary Oswaldo Existem os tops, que se prova uma vez ou outra na vida, por serem extremamente caros, como é o caso do Vega-Cicilia, que concorre com o Château Margaux, o Latour, o

Cheval Blanc ou o Petrus. Mas só mesmo quando ganhar na loteria [risos].

O senhor gosta de cozinhar?

Ary Oswaldo Já gostei mais, hoje prefiro apenas saborear. Depois que comecei a seguir a receita do meu médico, que posso comer de tudo desde que pouco, aí ficou ótimo!

E aonde vai para comer pouco?

Ary Oswaldo Varia conforme o prato. Gosto do pato na maçã do Freddy, o Fasano tem uma bisteca fiorentina e o risoto é também ótimo. O Amadeus tem excelente peixe. O Chef Rouge tem uma massa com perdiz desfiada...

E seus quadros, encara como investimento?

Ary Oswaldo Não é só isso, é questão de comprar por gosto e também muito por conhecer o pintor. Tenho dois trabalhos grandes do Sergio Ferro, dois do Clóvis Graciano. Tenho um belo trabalho do Poiteiro, mudo primitivista Chico da Silva, Aldemir Martins, da fase dos anos 50. Tenho muitos desenhos de um tio meu, Arnaldo Pedrosa D’Horta, do Cícero Dias, também antigão.

Viajar é parte dos projetos futuros?

Ary Oswaldo Faz. Agora irei a um seminário em Washington sobre Direito e Desenvolvimento, logo mais irei a um seminário em Harvard. Se descobrir um navio espanhol que vá pelo Amazonas, tentarei conseguir um lugar.

E os outros projetos?

Ary Oswaldo Há algum tempo comecei a diminuir minha atuação como diretor, voltei a ler bastante. Voltarei para o escritório, de que não tenho mais participação, apenas uma cota, por causa do nome. Tenho uma casa gostosa em Ilhabela, um sítio muito bonito em Ibiúna, dois filhos pequenos que estão entrando na fase da aborrecência. Terei muito do que me ocupar, mas de advogar, chega. 🦋